

Ajudei «O Têxtil»

O nosso jornal é o porta-voz da classe têxtil, o eco dos seus sofrimentos, dos seus protestos, das suas lutas. Para que cumpra o seu dever precisa da ajuda de todos, precisa de recursos financeiros.

Companheiros! Criai por toda a parte grupos de amigos de «O Têxtil», que regularmente se cotizem. Paguei o jornal.



O TÊXTEIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTEIL

CONCENTRAÇÃO DE 500 OPERÁRIOS TÊXTEIS NO SINDICATO DE GUIMARÃES

Da zona têxtil de Pevijém, de Covas, de Campelos, dos arrabaldes de Guimarães, dos bairros pobres onde as crianças andam rotinhas e magras, vieram para a cidade mais de 500 trabalhadores. No primeiro domingo de Outubro, unidos pelo mesmo desejo de Pão e de Justiça, fortes e convictos pela razão que lhes assiste, concentraram-se diante do edifício silencioso do sindicato, de portas bem fechadas. Os dirigentes do Sindicato — o Costeira, o Magalhães e o Faria —, sabendo que a classe se concentrava ali, nesse dia, para discutir o premente problema de aumento de salários, resolveram fugir. Por que fugiram eles? Porque não estão ali para defender os interesses dos trabalhadores, mas dos patrões. São estes que lhes oferecem cartões e andam com eles de carro, para que trafam a classe, em vez de trabalharem para resolver os mais importantes problemas que assobram os têxteis.

Esta grande concentração do dia 2 de Outubro ficará na memória de todos. Que força tem a classe quando luta unida! A PSP que veio para intervir não se sentiu encorajada para o fazer, em face da unidade e da firmeza dos trabalhadores. Reforçou as sentinelas na esquadra próxima, armou estas, mas não arremeteu contra os nossos companheiros. Foram do Porto 50 agentes da PIDE, que durante vários dias permaneceram em Guimarães.

Diante do Sindicato e ante a fuga da Direcção, a classe patenteou o seu profundo descontentamento. — Abram-nos a porta! O sindicato é nosso — gritavam muitos.

Grupos numerosos partiram em busca do presidente e acabaram por encontrá-lo no edifício dos Correios. Em vez de se juntar à classe, como era seu dever, bateu em retirada,

dizendo que já não era o presidente do Sindicato.

Veio depois um tal Martins Aldão, delegado à Câmara Corporativa, dar conselhos de prudência aos trabalhadores, ao mesmo tempo que procurou intimidá-los, ameaçando-os com a PIDE.

É assim que pretendem dar solução aos nossos pedidos. Mas não é pelo emprego da força, nem pela acção policial que os trabalhadores se convencem de que não têm razão. Não nos queiram forçar a aceitar, pela violência, a miséria e o sofrimento que nos são impostos pelos nossos exploradores e opressores. Ganhamos pouco e vivemos mal. Nossos filhos tiram de frio e somos nós que fabricamos o tecido com que se fazem as roupas. Queremos melhores salários, para que a nossa vida não seja carregada de privações e de amarguras.

Há anos que vimos pedindo que atendam a nossa justa reclamação. Um novo pedido acaba de ser dirigido ao Ministro das Corporações, em que se requer um aumento de 60 por cento, pois os nossos salários não são aumentados desde 1952, enquanto o custo da vida não para de subir. Subscreveram um tal pedido mais de 550 trabalhadores têxteis do Porto e mais de 1.300 da zona de Guimarães.

Mas torna-se necessário que a classe têxtil emprenda novas acções para conseguir o aumento de salários. A UNIDADE e a LUTA são as nossas principais armas.

Segundo o grande exemplo dos operários de Guimarães temos concentrações numerosas no sindicato. Diante dos escritórios das fábricas, levemos aos patrões o nosso justo pedido de aumento de salários.

VIVA A GLORIOSA REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE OUTUBRO

Quarenta e três anos se passaram desde que os canhões do cruzador Aurora anunciaram ao mundo o início da Grande Revolução Socialista de Outubro.

O regime dos trabalhadores, estabelecido na velha Rússia e nos países que ela oprimia, deu à classe operária e aos camponeses a posse das fábricas, das terras, do solo e das riquezas mineiras, terminou para sempre com a exploração capitalista, com a fome, a miséria, a incultura do povo trabalhador. A sociedade socialista, construída pela classe operária, aliada aos camponeses, tornou a União Soviética numa grande nação, que desempenha um papel decisivo no mundo. O seu exemplo foi seguido pelos povos da Mongólia Exterior, da China, Bulgária, Albânia, Roménia, Hungria, Polónia e outros países, que sacudiram já o jugo capitalista e estão edificando o socialismo.

Sentinela da Paz, corajosa defensora dos povos oprimidos, a União Soviética, à cabeça dos países do campo socialista, é uma grande força revolucionária, que anima os trabalhadores de Portugal a prosseguirem na sua árdua tarefa pela construção dum mundo de Justiça e de Liberdade, que porá termo à miséria e à exploração criadas pelo sistema capitalista.

que vai pelas empresas ROUBOS E ABUSOS EM GUIMARÃES

Na FÁBRICA DO MINHOTO o patrão apoderou-se abusivamente duma lista que circulava entre os operários para recolha de assinaturas pedindo aumento de salários, e ficou com ela.

— O mestre da FÁBRICA DA CRUZ DA PEDRA está constantemente a baixar no preço da obra, o que tem provocado reclamações dos operários que se sentem prejudicados. Além disso ameaça o pessoal de que passará a trabalhar com 4 teares logo que venha o aumento.

— Na FÁBRICA DA MALHA o patrão continua a obrigar os operários a trabalhar com 3 teares sem sequer lhes pagar o salário de 22\$50. Com o objectivo de roubar os trabalhadores, organizou o serviço de turnos de tal maneira que o pessoal não consegue controlar a metragem da obra. Nesta firma, da qual é gerente José Armindo, que é presidente da Assembleia Geral do Sindicato Têxtil, não pagam aos operários que trabalham por sua conta aquilo que eles ganham acima do salário mínimo. E foi este explorador, que não é sequer operário, que se arrogou o direito de representar os operários — sem os consultar, claro — nas «manifestações» de apoio ao gover-

EXPLORAÇÃO EM RIBA D'AVE E PEVIDEM

Na OLIVEIRA FERREIRA um operário que para ganhar mais alguns escudos foi trabalhar apesar de estar no seguro, foi castigado com 15 dias de suspensão e dirigiu-se ao gerente a fim de lhe pedir que o deixasse trabalhar; este mandou-o ir ao escritório, mas com o cabelo rapado, de castigo.

Um rapaz que andava a dar trama com outros foi excluído, quando os seus colegas passaram aos teares. Reclamou junto do mestre, mas este respondeu-lhe grosseiramente que se ainda lá trabalhava era por favor.

Esta empresa está a fazer experiências com vistas a estudar a passagem de 1 para 2 teares, o que traz o pessoal inquieto e descontente. — Na EMPRESA FABRIL os operários são forçados a trabalhar com 1 ou 2 teares, conforme a vontade do patrão, ganhando em qualquer dos casos o mesmo salário.

no que o mesmo organizou a pretexto do debate na ONU, sobre o problema colonial.

— Na FÁBRICA DE VILA POUCA continua a mais criminosas das explorações: há operários com 6 dias de trabalho que levam ao fim da semana para casa 1\$300! Se trabalham 3 dias levam 1\$800! Alguns não podendo resistir mais vão-se embora e procuram trabalho noutras empresas.

O Manuel Bomba continua a destacar-se como carrasco dos operários e como bufo e laçao do patrão.

— Na firma ALBERTO RODRIGUES DE FIGUEIREDO estão a trabalhar jornaleiros, que ganham 20\$00 e trabalham 10 horas por dia. Não usufruem qualquer regalia nem recebem Abono de Família.

EXPLORAÇÃO nos plásticos

— Na FÁB. DE PLÁSTICOS XAVI em Guimarães, continuam as arbitrariedades e os abusos, com multas e castigos a torto e a direito. Ainda há pouco tempo uma operária deu um espirro e logo foi ameaçada de que se continuasse seria mandada embora de castigo.

— Na FÁBRICA DE PLÁSTICOS PÁTRIA, também de Guimarães, há operários a ganhar 19\$00 por dia quando o C.C.T. estipula o mínimo de 21\$00; também há moças a trabalhar com 5 anos de casa, a ganhar \$800 em vez dos 14\$00 estipulados.

— Ainda na FÁBRICA DE PLÁSTICOS RIBEIRINHO da mesma cidade estão a pagar a operários das máquinas 24\$00 quando o salário é de 34\$00 diários.

LUTA VITORIOSA DOS TÊXTEIS DE MOREIRA DE CÓNEGOS

O patronato aumenta constantemente a exploração provocando a intensificação do ritmo de trabalho. Para isso obriga os operários a trabalhar com um número de teares cada vez maior, aumentando assim a produção e os lucros, mas arruinando a saúde dos trabalhadores.

Na fábrica MOREIRA DA AJUDA o patrão pretendeu também introduzir este método de produção e comunicou ao pessoal que se passaria a trabalhar com 4 teares. Os operários logo compreenderam que nada tinham a beneficiar com tal medida: que só para o patrão traria vantagens, pois duplicava os seus lucros enquanto que eles só veriam duplicar o seu esforço e o seu estado de esgotamento físico. A indignação dos operários foi enorme e todos unidos e firmes suspenderam o trabalho e mostravam-se dispostos a não o retomar enquanto o patrão não revogasse a ordem. Este perante um tal espírito de firmeza e unidade recuou a fim de evitar a greve que estalaria, caso ele assim não procedesse.

Esta luta vitoriosa dos têxteis de Moreira de Cónegos bem como as lutas e vitórias dos têxteis de Ronfe, de Pevidém, de Fafe e do Porto provam-nos que se lutamos unidos somos uma grande força capaz de fazer recuar os nossos exploradores.

AMEAÇAS DE despedimento

A RAIONE comprou ultimamente 10 novos teares automáticos que fazem o trabalho equivalente a 100 teares automáticos antigos. A isso chamam os capitalistas aumentar a produtividade e os seus lucros. Para os operários isto significa desemprego e miséria. Operários da Raione não consentam que um só de vós seja despedido! Só a vossa luta poderá impedir mais miséria e fome nos vossos lares.

RUBRICAS para «O Têxtil»

Amigo do Povo	19\$50
Arso	1\$00
G.N.	20\$00
Inimigos de Salazar	2\$50
J.R.	1\$50
Libertário	1\$00
4 Têxteis	2\$00
R.X.	1\$00
Intereiro Democrático	2\$50
Têxtil	5\$00
Um Têxtil	20\$00
Zé Manel	12\$50
TOTAL	88\$50

OS POVOS DAS COLÓNIAS PORTUGUESAS TÊM DIREITO À INDEPENDÊNCIA

Para quê tamanho barulho, por parte do governo, que já gastou alguns milhares de contos na organização das chamadas «manifestações de desagravo», contra as afirmações feitas na ONU pelos delegados de vários países, sobre a situação existente nas colónias portuguesas?

Podemos perguntar: Quem injuriou Portugal? Os representantes das nações que desmascaram a miséria, o atraso, a falta de liberdade, a exploração e a opressão em que vivem os povos das colónias portuguesas; que denunciam os assassinatos e as brutalidades cometidas pelas autoridades salazaristas, contra os patriotas desses territórios ou o governo de Salazar, que é responsável por uma tal situação?

Não nos queirjam deitar poeira nos olhos. O problema é bem diferente. As populações africanas não querem continuar a ser oprimidas e exploradas como até aqui pelos colonialistas portugueses, pelas grandes companhias nacionais e estrangeiras, que lhes pagam salários de 2\$50 e 1\$50 por dia, os submetem ao trabalho compulsivo, forçando-os a abandonar as suas terras, família e culturas.

Dessas grandes companhias, fazem parte destaeadas figuras da actual situação política, como o ministro do Ultramar, almirante Lopes Alves, do Banco de Angola, doutores Vieira Machado, Marcelo Caetano e o ministro da Presidência, Dr. Pedro Teotónio Pereira, e muitos outros.

Ora o governo de Salazar é um defensor e um representante dos capitalistas portugueses e estrangeiros, que oprimem e exploram as colónias portuguesas. Por isso manda prender, torturar e assassinar os africanos, que em Angola e nos outros territórios coloniais estão lutando pela independência. Por isso ele envia para as colónias portuguesas milhares de jovens soldados, para que morram e sacrifiquem vidas humanas das populações nativas, com o objectivo de defender a permanência em África das grandes companhias monopolistas, e os fartos lucros que elas obtêm, pela exploração da mão de obra escrava.

Não há hoje no mundo forças que se possam opor à justa luta dos povos coloniais pela independência e

a liberdade. Um tal movimento ganhou um vigor e um apoio tão poderosos, que as próprias potências imperialistas, como a Inglaterra e os Estados Unidos foram forçadas a aceitar, na Assembleia Geral da ONU, a proposta de Nikita Krutchev, para que seja inscrita no Orden de Trabalhos a discussão sobre o direito dos povos coloniais à independência imediata.

Os povos das colónias portuguesas querem ser livres e independentes, como os seus irmãos de outros territórios africanos.

Os jovens de Portugal não podem deixar-se matar para que as grandes companhias tenham lucros fabulosos ao fim de cada ano. Que os colonialistas reconheçam esta verdade, pela acção de protesto do povo e dos soldados, que são chamados a morrer por interesses que não são os seus.

ARBITRARIEDADES EM COVAS

Na firma AGOSTINHO DA SILVA AREIAS o electricista encarregou o serralheiro de avisar o guarda de noite para que deixasse trabalhar toda a noite um motor, pois o mesmo avariara-se-lhe se parasse. O guarda assim providenciou, mas o patrão, passando por lá, entendeu mandar parar o motor, apesar do guarda o ter avisado das consequências.

O motor avariou mesmo, e o filho do patrão, de manhã, apesar do guarda o ter informado de que foi o pai que mandou parar o motor, decidiu obrigar o guarda de noite e o serralheiro a pagarem 400\$00 cada um para cobrir o prejuizo, que ele avaliou em 800\$00, provocado pelo afogamento do motor!

Um tal acto é bem a prova dos abusos e das violências que diariamente são cometidos contra a classe ténxtil.

O DINHEIRO DA PREVIDÊNCIA DEVE SER UTILIZADO EM beneficio dos trabalhadores

Um novo desconto acaba de ser aplicado aos nossos fil baixos salários. De futuro todos os beneficiários das Caixas de Previdência terão de pagar 25 por cento do custo dos medicamentos que necessitarem.

Contrariamente ao que o sr. ministro afirmou publicamente tal medida não representa um beneficio para os trabalhadores, mas sim um agravamento nas suas condições de vida.

Vejamos como são aplicados os fundos das Caixas de Previdência.

Em 1950 as receitas das C. Previdência foram de 559,662 contos, as despesas de 333,230 contos e os fundos e os valores das Caixas cifravam-se no fim do ano em 2.329,598 contos. Porém, 32 por cento desta importância, ou seja 757,523 contos tinham sido desviados das funções de Previdência e entregues ao governo e ás grandes empresas monopolistas nacionais. Entretanto, apenas foram gastos com subsídios de doença, na acção de assistência, na acção médico-social e em contribuições de doentes, 140,789 contos, ou

seja 42 por cento do total das despesas efectuadas.

Em 1958, oito anos depois, as receitas das C.P. foram de 932,901 contos, as despesas 380,128 contos e os fundos e os valores tinham subido para 7.136.513 contos. Desta importância, 39 por cento, ou seja 2.817,497 contos estavam nas mãos do governo e de grandes monopolistas, enquanto que apenas foram gastos 166,521 contos, em funções de assistência acima referidas, ou seja 28 por cento do total das despesas realizadas.

Por aqui se vê como se defraudam os dinheiros das C.P., arrancados aos trabalhadores, desviando-os da sua função.

O pagamento dos 25 por cento nos medicamentos visa diminuir as despesas de assistência e aumentar as receitas das C.P. para que os monopolistas possam de lá arrancar mais uns milhares de contos.

Nós devemos exigir que os medicamentos sejam totalmente pagos pela Previdência, que os dinheiros das C.P. sejam utilizados exclusivamente em beneficio dos trabalhadores.

AUMENTO DE SALÁRIOS GRANDE ASPIRAÇÃO DA CLASSE TÊXTIL

No momento actual, a maior reivindicação da classe operária têxtil no campo reivindicativo-económico diz respeito ao aumento de salários.

Auferindo salários desde há muito ultrapassados (tendo em conta que desde 1952 os têxteis da indústria algodoeira não vêm aumentados os seus salários), o nosso poder de compra desce dia a dia, em face do crescente aumento do custo da vida.

De todos os lados, quer se trate do Norte ou do Sul, são inúmeras as vozes que se erguem, cheias de indignação, contra a injustiça a que estão submetidos os operários têxteis e suas famílias — perto de 500 mil pessoas — forçando-nos a viver — se é que se pode chamar viver — com salários de 18\$00 a 30\$00, tendo ainda de suportar os castigos, o desemprego, o aumento da produtividade e toda uma série de ilegalidades por parte dos patrões.

Para nos dividirem e manterem salários de miséria, desde há muito que os patrões e seus defensores fazem circular boatos de que os salários vão subir. Dizem reconhecer que a nossa situação é má, que muito há a fazer, etc., mas ao mesmo tempo exercem toda a espécie de intimidações e utilizam a repressão para que mais um ano se passe, a raparmos fome, ao mesmo tempo que os industriais arrecadam fartos lucros.

Parar é morrer! Lutar é tornar possível a concretização do aumento.

NÃO ESTÁ CERTO MESTRE PEREIRA!

Oiga, mestre Pereira! O senhor foi operário e ganhava bolos salários como nós. Não se esqueça disso. Porque há-de ser agora um lacal do patrões, um operador das operários? E sobretudo, mestre Pereira, porque há-de tornar intolerável a vida dos trabalhadores têxteis, empurrando as nossas companheiras para a miséria? É a famosa FÁBRICA DOS MORTOS, em GUIMARÃES, insultando-as e ameaçando-as? O senhor sabe que elas são mal pagas, que têm filhos e família a sustentar e com que dificuldade elas fazem face às despesas de cada dia? Por que as multas? Por que lhes falta a jornada tão escassa, que lhes falta a vida em casa para criar a fome aos filhos? A redução de o Têxtil chega o seu grau de protesto. Sim, mestre Pereira, as nossas companheiras protestam. Elas estão indignadas. Não se oprime sem se provocar reacção. Pense que a força dos trabalhadores pode tornar-se mais rebelde que os seus patrões, que a força dos seus patrões, pois quando eles se unem e lutam não há muralhas que lhes resistam, nem empurres que os detenham.

Em defesa do aumento de 60 por cento, os têxteis dos concelhos do Porto, Braga, Guimarães, Fafe, Sto. Tirso, lançaram-se na recolha de assinaturas para uma exposição a enviar ao ministro.

Que o aumento de salários só pode ser o resultado da nossa acção, compreendem-no igualmente os têxteis da Serra da Estrela e do Sul. Os primeiros, que mercê da sua movimentação no sindicato e I.N.T. acabaram por ver os salários acrescidos de 25 por cento, reafirmados por um novo C.C.T., manifestam desejo de continuar a sua acção até obter o aumento inicialmente pedido. No Sul, nas empresas C.U.F. e outras, os têxteis continuam a defender que os seus salários sejam aumentados.

O aumento de salários que reivindicamos terá que ser conquistado. Não esperemos por promessas que a experiência de mais de 30 anos nos mostrou que não serão cumpridas. Unamo-nos, sim, em cada empresa, em cada terra, e discutamos a melhor forma de actuar.

Junto do patrão ou do sindicato, através de concentrações ou de exposições, exijamos que o aumento de 60 por cento nos seja concedido.

AMNISTIA! AMNISTIA!

No país inteiro a palavra AMNISTIA ganhou o coração de milhares e milhares de portugueses e portuguesas. Este brado de solidariedade humana alcançou a própria imprensa, que publicou artigos e cartas, reclamando a AMNISTIA.

Em todo o país foram enviadas milhares de cartas às autoridades, à imprensa diária, ao presidente do Conselho e da República em que se pede que regressem aos seus lares, ao seio da família, ao país a que pertencem, aos lugares que ocuparam, os portugueses e portuguesas que deles foram afastados por motivos políticos.

Além fronteiras, no Brasil, Uruguai, Argentina, Chile, Venezuela, Canadá, França, Inglaterra, Indonésia, União Soviética e noutros países, homens e mulheres das mais variadas tendências quiseram do governo que seja concedida uma ampla AMNISTIA aos presos e perseguidos políticos.

Mas como respondeu o governo

Actos revoltantes NAS EMPRESAS DO PORTO

— Na FÁBRICA «SENHORA DA HORA», uma empregada do laboratório desta empresa despediu-se por ter conseguido uma outra colocação melhor remunerada, pois que ali estava com 900\$00 de ordenado. O Eng.º Delgado dos Santos, indignado por tal facto, despediu, como represália, o marido e a mãe desta trabalhadora. A mãe trabalha há 19 anos na Fábrica.

Além destas medidas ilegais, o Eng.º ameaçou que lhes tiraria a casa no bairro da Fábrica e andou a informar-se para saber se o cunhado da trabalhadora vivia na mesma casa, a fim de ser também despedido.

A trabalhadora, em face desta situação, chamou miserável ao Eng.º Delgado dos Santos. A atitude deste provocou uma indignação geral na empresa a tal ponto que algumas mulheres estavam dispostas a suspender o trabalho como sinal de protesto.

— Na FÁBRICA DE TÊCIDOS DA BOA VISTA, as mulheres são insultadas frequentemente por um encarregado que desce às piores ofensas e obscenidades. Estas são aconselhadas a dar uma sova neste laiaço do patrão.

à opinião pública nacional e estrangeira?

Ele publicou recentemente um decreto de AMNISTIA, que em nada corresponde às aspirações formuladas por dezenas de milhar de portugueses. A imensa maioria das pessoas vítimas das perseguições políticas, ao longo de 33 anos do regime salazarista, não são abrangidas. Continuam encarcerados e sujeitos a medidas de segurança alguns dos melhores filhos do povo, operários, camponeses, intelectuais, muitos dos quais, já terminaram as suas penas.

A luta pela AMNISTIA deve continuar, até que o governo possa atender, sem reservas nem enganos, este humilde pedido, que se tornou uma exigência nacional.

Através de cartas, abaixo-assinados, de postais, de telefonemas e de telegramas reclamamos, junto do governo, das autoridades, dos jornais, que seja concedida uma AMPLA AMNISTIA a todos os presos e perseguidos políticos.